



Catequeses sobre os Atos dos apóstolos



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIAS GERAIS

Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

29 de maio de 2019 a 15 de janeiro de 2020

Textos obtidos a partir de

<https://www.vatican.va/>

1. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 29 de maio de 2019

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Começamos hoje um percurso de catequeses sobre o Livro dos Atos dos Apóstolos. Este livro bíblico, escrito por São Lucas evangelista, fala-nos da viagem — de uma viagem: mas de qual viagem? Da viagem *do Evangelho no mundo* e mostra-nos a maravilhosa ligação entre a Palavra de Deus e o Espírito Santo que inaugura o tempo da evangelização. Os protagonistas dos Atos são precisamente um “casal” vivaz e eficaz: a Palavra e o Espírito.

Deus «envia a sua mensagem à terra» e «a sua palavra corre veloz» — diz o Salmo (147, 4). A Palavra de Deus corre, é dinâmica, irriga todo o terreno sobre o qual cai. E qual é a sua força? São Lucas diz-nos que a palavra humana se torna eficaz não graças à retórica, que é a arte de falar bem, mas graças ao Espírito Santo, que é a *dýnamis* de Deus, a dinâmica de Deus, a sua força, que tem o poder de purificar a palavra, de a tornar portadora de vida. Por exemplo, na Bíblia há histórias, palavras humanas; mas qual é a diferença entre a Bíblia e um livro de história? Que as palavras da Bíblia são tiradas do Espírito Santo o qual dá uma força muito grande, uma força diversa e ajuda-nos a fim de que aquela palavra seja semente de santidade, semente de vida, seja eficaz. Quando o Espírito visita a palavra humana ela torna-se dinâmica, como “dinamite”, isto é, capaz de acender os corações e de fazer saltar esquemas, resistências e muros de divisão, abrindo caminhos novos e dilatando os confins do povo de Deus. E veremos isto no percurso destas catequeses, no livro dos Atos dos Apóstolos.

Aquele que confere sonoridade vibrante e incisividade à nossa palavra humana tão frágil, capaz até de mentir e de se subtrair às próprias responsabilidades, é unicamente o Espírito Santo, por meio do qual o Filho de Deus foi gerado; o Espírito que o ungiu e amparou na missão; o Espírito graças ao qual escolheu os seus apóstolos e que garantiu ao seu anúncio a perseverança e a fecundidade, como as garante também hoje ao nosso anúncio.

O Evangelho conclui-se com a ressurreição e a ascensão de Jesus, e a narração dos Atos dos Apóstolos começa precisamente por aqui, pela superabundância da vida do ressuscitado infundida na sua Igreja. São Lucas diz-nos que Jesus «apareceu vivo depois da sua paixão e deu-lhes disso numerosas provas com as suas aparições, durante quarenta dias, e falando-lhes também a respeito do Reino de Deus» (At 1, 3). O Ressuscitado, Jesus Ressuscitado realiza gestos humaníssimos, como partilhar a refeição com os seus, e convida-os a viver confiantes na expectativa do cumprimento da promessa do Pai: «sereis batizados no Espírito Santo» (At 1, 5).

Com efeito, o batismo no Espírito Santo é a experiência que nos permite entrar numa comunhão pessoal com Deus e participar na sua vontade salvífica universal, adquirindo o talento da *parresia*, a coragem, ou seja, a capacidade de pronunciar uma palavra “como filhos de Deus”, não só como homens, mas como filhos de Deus: uma palavra límpida, livre, eficaz, cheia de amor a Cristo e aos irmãos.

Portanto, não é preciso lutar para conquistar ou merecer o dom de Deus. Tudo é concedido *gratuitamente* e no *devido momento*. O Senhor dá tudo de graça. A salvação não se compra, não se paga: é um dom gratuito. Diante da ansiedade de conhecer antecipadamente o tempo no qual acontecerão os eventos por Ele anunciados, Jesus responde aos seus: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (At 1, 7-8).

O Ressuscitado convida os seus a não viver com ansiedade o presente, mas a fazer aliança com o tempo, a saber esperar o desvendar-se de uma história sagrada que nunca se interrompeu mas que progride, que vai sempre em frente; a saber aguardar os “passos” de Deus, Senhor do tempo e do espaço. O Ressuscitado convida os seus a não “fabricar” sozinhos a missão, mas a aguardar que seja o Pai a dinamizar os seus corações com o seu Espírito, a fim de se poderem engajar num testemunho missionário capaz de se irradiar de Jerusalém até à Samaria e de ultrapassar os confins de Israel e alcançar as periferias do mundo.

Os Apóstolos vivem juntos esta expectativa, vivem-na como família do Senhor, na sala de cima ou cenáculo, cujas paredes ainda são testemunhas do dom com o qual Jesus se entregou aos seus na Eucaristia. E de que modo aguardam a força, a *dýnamis* de Deus? Rezando com perseverança, como se não fossem muitos mas *um só*. Rezando em unidade e com perseverança. Com efeito, é com a oração que se vence a solidão, a tentação, a suspeita e se abre o coração à comunhão. A presença das mulheres e de Maria, a mãe de Jesus, intensifica esta experiência: elas foram as primeiras que aprenderam do Mestre a testemunhar a fidelidade do amor e a força da comunhão que vence qualquer receio.

Peçamos também nós ao Senhor a paciência de aguardar os seus passos, de não querermos “fabricar” a sua obra e de permanecer dóceis rezando, invocando o Espírito e cultivando a arte da comunhão eclesial.

2. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 12 de junho de 2019

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Começámos um percurso de catequeses que seguirá a “viagem”: a viagem do Evangelho narrada pelo livro dos Actos dos Apóstolos, pois este livro mostra certamente a viagem do Evangelho, como o Evangelho foi além, além, além... *Tudo parte da Ressurreição de Cristo*. Com efeito, ele não é um evento entre outros, mas é a fonte da vida nova. Os discípulos sabem-no e —obedientes ao mandamento de Jesus — permanecem unidos, concordes e perseverantes na oração. Estreitam-se a Maria, a Mãe, e preparam-se para receber o poder de Deus não de maneira passiva, mas consolidando a comunhão entre eles.

Aquela primeira comunidade era composta por mais ou menos 120 irmãos e irmãs: um número que contém o 12, emblemático para Israel, pois representa as doze tribos, e emblemático para a Igreja, devido aos *doze Apóstolos escolhidos por Jesus*. Mas agora, depois dos eventos dolorosos da Paixão, os Apóstolos do Senhor já não são doze, mas onze. Um deles, Judas, já não existe: matou-se esmagado pelo remorso.

Já antes se tinha começado a separar da comunhão com o Senhor e com os demais, a fazer sozinho, a isolar-se, a apegar-se ao dinheiro chegando a instrumentalizar os pobres, a perder de vista o horizonte da gratuidade e da doação de si, chegando a permitir que o vírus do orgulho contaminasse a sua mente e o seu coração transformando-o de «amigo» (Mt 26, 50) em inimigo e em «guia dos que prenderam Jesus» (Act 1, 16). Judas tinha recebido a grande graça de fazer parte do grupo dos íntimos de Jesus e de participar do seu ministério, mas a um certo ponto pretendeu “salvar” por si a sua vida com o resultado de a perder (cf. Lc 9, 24). Deixou de pertencer com o coração a Jesus e afastou-se da comunhão com Ele e com os seus. Deixou de ser discípulo e colocou-se acima do Mestre. Vendeu-o e com o «preço do seu crime» comprou um terreno, que não deu frutos mas ficou impregnado com o seu próprio sangue (cf. Act 1, 18-19).

Se Judas preferiu a morte e não a vida (cf. *Dt* 30, 19; *Eclo* 15, 17) e seguiu o exemplo dos ímpios cuja via é como a obscuridade e cai em ruínas (cf. *Pr* 4, 19; *Sl* 1, 6), ao contrário os Onze escolhem a vida e a bênção, tornam-se responsáveis em fazê-la fluir por sua vez na história, de geração em geração, do povo de Israel para a Igreja.

O Evangelista Lucas mostra-nos que diante do abandono de um dos Doze, que causou uma ferida no corpo comunitário, é necessário que o seu cargo passe para outro. E quem o poderia assumir? Pedro indica uma exigência: o novo membro deve ter sido um discípulo de Jesus desde o início, ou seja, desde o Batismo no Jordão, até ao final, isto é, à ascensão ao Céu (cf. *Act* 1, 21-22). É necessário reconstruir o grupo dos Doze. Inaugura-se a este ponto a praxe do *discernimento comunitário*, que consiste em ver a realidade com os olhos de Deus, na ótica da unidade e da comunhão.

São dois os candidatos: José Barsabás e Matias. Então toda a comunidade reza assim: «Senhor, Tu que conheces o coração de todos, indica-nos qual destes dois escolheste para ocupar... o lugar abandonado por Judas» (*Act* 1, 24-25). E, através do destino, o Senhor indica Matias, que é associado aos Onze. Reconstrói-se assim o corpo dos Doze, sinal da comunhão, e a comunhão vence as divisões, o isolamento, a mentalidade que absolutiza o espaço do particular, sinal de que *a comunhão é o primeiro testemunho* que os Apóstolos oferecem. Jesus tinha dito: «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (*Jo* 13, 35).

Os Doze manifestam nos Actos dos Apóstolos o estilo do Senhor. São as testemunhas acreditadas da obra de salvação de Cristo e não manifestam ao mundo a sua suposta perfeição mas, através da graça da unidade, fazem sobressair Outro que já vive num mundo novo no meio do seu povo. E quem é ele? É o Senhor Jesus. Os Apóstolos escolhem viver sob o senhorio do Ressuscitado na unidade entre os irmãos, que se torna a única atmosfera possível da doação autêntica de si.

Também nós temos necessidade de redescobrir a beleza de testemunhar o Ressuscitado, abandonando as atitudes autorreferenciais, renunciando a reter os dons de Deus e não cedendo à mediocridade. A recomposição do

colégio apostólico mostra que no *adn* da comunidade cristã existe a unidade e a liberdade de si mesmo, que permitem não temer a diversidade, não apegar-se às coisas nem aos dons e tornar-se *martyres*, ou seja, testemunhas luminosas do Deus vivo e activo na história.

3. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 19 de junho de 2019

Bom dia, caros irmãos e irmãs!

Cinquenta dias depois da Páscoa, naquele Cenáculo que já é a casa deles e onde a presença de Maria, Mãe do Senhor, constitui o elemento de coesão, os Apóstolos vivem um evento que supera as suas expectativas. Reunidos em oração — a prece é o “pulmão” que dá fôlego aos discípulos de todos os tempos; sem oração não se pode ser discípulo de Jesus; sem oração não podemos ser cristãos! Ela é o ar, o pulmão da vida cristã — são surpreendidos pela *irrupção de Deus*. Trata-se de *uma irrupção que não tolera o fechamento: escancara as portas* através da força de um vento que recorda a *ruah*, o sopro primordial, e cumpre a promessa da “força” feita pelo Ressuscitado antes da sua despedida (cf. At 1, 8). Chega inesperadamente, do alto: «De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde eles estavam» (At 2, 2).

Depois, ao vento acrescenta-se o fogo que evoca a sarça ardente e o Sinai, com o dom das dez palavras (cf. Êx 19, 16-19). Na tradição bíblica, o fogo acompanha a manifestação de Deus. No fogo Deus concede a sua palavra viva e enérgica (cf. Hb 4, 12) que abre ao futuro; o fogo exprime simbolicamente a sua função de aquecer, iluminar e testar os corações, a sua cura na provação da resistência das obras humanas, na sua purificação e revitalização. Enquanto no Sinai se ouve a voz de Deus, em Jerusalém, na festa de Pentecostes, quem fala é Pedro, a rocha sobre a qual Cristo quis edificar a sua Igreja. A sua palavra, frágil e capaz até de renegar o Senhor, atravessada pelo fogo do Espírito, adquire força, torna-se capaz de trespassar os corações e de impelir à conversão. Com efeito, Deus escolhe aquilo que é fraco no mundo para confundir os fortes (cf. 1 Cor 1, 27).

Por conseguinte, a Igreja nasce do fogo do amor e de um “*incêndio*” que arde no Pentecostes e que manifesta a força da Palavra do Ressuscitado, imbuída de Espírito Santo. *A Aliança nova e definitiva já não está*

fundamentada numa lei escrita em tábuas de pedra, mas na ação do Espírito de Deus, que renova tudo e é gravado em corações de carne.

A palavra dos Apóstolos impregna-se do Espírito do Ressuscitado e torna-se uma palavra nova, diferente, que no entanto é compreensível, como se fosse traduzida simultaneamente em todas as línguas: com efeito, «cada um os ouvia falar na própria língua» (At 2, 6). Trata-se da *linguagem da verdade e do amor*, que é a *língua universal*: até os analfabetos podem entendê-la. Todos compreendem a linguagem da verdade e do amor. Se te apresentares com a verdade do teu coração, com sinceridade, com amor, todos te hão de entender. Mesmo que tu não possas falar, faz uma carícia que seja verídica e amorosa.

O Espírito Santo não só se manifesta mediante *uma sinfonia de sons que une e compõe harmoniosamente as diversidades*, mas apresenta-se como o maestro que faz executar as partituras dos louvores pelas «grandes obras» de Deus. O Espírito Santo é *o artífice da comunhão, é o artista da reconciliação que sabe remover as barreiras* entre judeus e gregos, entre escravos e livres, para fazer de todos um só corpo. Ele edifica a comunidade dos crentes, harmonizando a unidade do corpo e a multiplicidade dos membros. Faz crescer a Igreja, ajudando-a a ir mais além dos limites humanos, dos pecados e de qualquer escândalo.

O assombro é grande, e alguém pergunta se aqueles homens estão embriagados. Então, Pedro intervém em nome de todos os Apóstolos e volta a ler aquele acontecimento à luz de Joel 3, onde se anuncia uma nova efusão do Espírito Santo. Os seguidores de Jesus não estão inebriados, mas vivem aquela que Santo Ambrósio define «a sóbria embriaguez do Espírito» que, através de sonhos e visões, acende a profecia no meio do povo de Deus. Esta dádiva profética não está reservada apenas a alguns, mas a todos aqueles que invocam o nome do Senhor.

Dali por diante, a partir desse momento, o Espírito de Deus impele os corações a acolher a salvação que passa através de uma Pessoa, Jesus Cristo, Aquele que os homens pregaram no madeiro da cruz e que Deus ressuscitou dos mortos, «libertando-o dos grilhões da morte» (At 2, 24). Foi Ele quem infundiu aquele Espírito que orchestra a polifonia de louvores e que todos podem ouvir. Como dizia Bento XVI, «o Pentecostes é isto:

Jesus, e através dele o próprio Deus, vem a nós e atrai-nos para dentro de si» ([*Homilia, 3 de junho de 2006*](#)). O Espírito realiza a atração divina: Deus seduz-nos com o seu Amor e deste modo envolve-nos, para mover a história e encetar processos através dos quais Ele filtra a vida nova. Com efeito, só o Espírito de Deus tem o poder de *humanizar e fraternizar* cada contexto, a partir de quantos o recebem.

Peçamos ao Senhor que nos deixe experimentar um novo Pentecostes, que dilate os nossos corações e sintonize os nossos sentimentos com os de Cristo, para anunciarmos sem vergonha a sua palavra transformadora e testemunharmos o poder do amor que chama à vida tudo o que encontra.

4. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 26 de junho de 2019

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

O fruto do Pentecostes, a poderosa efusão do *Espírito de Deus sobre a primeira comunidade cristã*, foi que muitas pessoas sentiram o próprio coração trespassado pelo alegre anúncio — o *querigma* — da salvação em Cristo e aderiram livremente a Ele, convertendo-se, recebendo o batismo em seu nome e aceitando por sua vez o dom do Espírito Santo. Cerca de três mil pessoas começam a fazer parte daquela fraternidade, que é o *habitat* dos crentes e constitui o fermento eclesial da obra de evangelização. O fervor da fé destes irmãos e irmãs em Cristo faz da sua vida o *cenário da obra de Deus*, que se manifesta com prodígios e sinais através dos Apóstolos. O extraordinário faz-se ordinário e *o dia a dia torna-se o espaço da manifestação de Cristo vivo!*

O Evangelista Lucas narra-nos isto, mostrando-nos *a Igreja de Jerusalém como o paradigma de todas as comunidades cristãs*, como o ícone de uma fraternidade que fascina e que não deve ser mitificada, nem sequer minimizada. A narração dos *Atos* permite-nos olhar para dentro das paredes da *domus* onde os primeiros cristãos se reúnem como *família de Deus*, espaço da *koinonia*, ou seja, da comunhão de amor entre irmãos e irmãs em Cristo. Perscrutando no seu interior, podemos ver que eles vivem de uma forma muito específica: são «assíduos no ensinamento dos Apóstolos, na união fraterna, na fração do pão e nas orações» (At 2, 42). Os cristãos ouvem assiduamente a *didaqué*, ou seja, o ensinamento apostólico; praticam relacionamentos interpessoais de alta qualidade (inclusive através da comunhão dos bens espirituais e materiais); fazem memória do Senhor mediante a “*fração do pão*”, isto é, a Eucaristia, e dialogam com Deus na *oração*. São estas as atitudes do cristão, as quatro características de um bom cristão.

Contrariamente à sociedade humana, onde se tende a perseguir os próprios interesses, prescindindo ou até em detrimento do próximo, a

comunidade dos crentes afasta o individualismo para favorecer a partilha e a solidariedade. Não há lugar para o egoísmo na alma do cristão: se o teu coração for egoísta, não és cristão, és um mundano, que só procuras a tua vantagem, o teu benefício. E Lucas diz-nos que os crentes permanecem *juntos* (cf. At 2, 44). A proximidade e a unidade são o estilo dos crentes: próximos, preocupados uns pelos outros, não para falar mal do outro, não, para ajudar, para se aproximar.

Portanto, a graça do Batismo revela a íntima união entre os irmãos em Cristo, que são chamados a *compartilhar*, a identificar-se com os outros e a dar, «de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 45), ou seja, a generosidade, a esmola, preocupar-se pelo próximo, visitar os doentes, ir ao encontro dos necessitados, de quantos precisam de consolação.

E precisamente porque escolhe o caminho da comunhão e da atenção aos carentes, esta fraternidade que é a Igreja pode levar uma *vida litúrgica verdadeira e autêntica*. Lucas diz: «Frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo» (At 2, 46-47).

Enfim, a narração dos Atos recorda-nos que o Senhor garante o crescimento da comunidade (cf. 2, 47): a perseverança dos crentes na aliança genuína com Deus e com os irmãos torna-se força atrativa que fascina e conquista muitas pessoas (cf. [*Evangelii gaudium*](#), 14), um princípio graças ao qual a comunidade de crentes de todos os tempos vive.

Oremos ao Espírito Santo a fim de que faça das nossas comunidades lugares onde receber e praticar a vida nova, as obras de solidariedade e de comunhão, lugares onde as liturgias sejam um encontro com Deus, que se torna comunhão com os irmãos e irmãs, lugares que sejam portas abertas para a Jerusalém celestial.

5. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 7 de agosto de 2019

Bom dia, amados irmãos e irmãs!

Nos Atos dos Apóstolos, a pregação do Evangelho não é confiada unicamente às palavras, mas também a gestos concretos, que dão testemunho da verdade do anúncio. Trata-se de «prodígios e milagres» (At 2, 43) realizados pelos Apóstolos, confirmando a sua palavra e demonstrando que eles agem em nome de Cristo. Acontece, pois, que os Apóstolos intercedem e Cristo atua, agindo «com eles» e confirmando a Palavra com os sinais que a acompanham (cf. Mc 16, 20). Muitos prodígios, numerosos milagres que, realizados pelos Apóstolos, eram precisamente uma manifestação da divindade de Jesus.

Hoje deparamo-nos com a primeira narração de cura, diante de um milagre, que é a primeira narração de cura do Livro dos Atos. Ela tem uma clara *finalidade missionária*, que visa suscitar a fé. Pedro e João vão rezar no Templo, centro da experiência de fé de Israel, à qual os primeiros cristãos ainda estão fortemente ligados. Os primeiros cristãos rezavam no Templo de Jerusalém. Lucas indica a hora: é a hora nona, ou seja, três da tarde, quando o sacrifício era oferecido em holocausto, como sinal da comunhão do povo com o seu Deus; e também a hora em que Cristo morreu, imolando-se a si mesmo «uma vez para sempre» (Hb 9, 12; 10, 10). E à porta do Templo chamada “Formosa” — a porta Formosa — veem um mendigo, um parálítico de nascença. Por que razão aquele homem estava à porta? Porque a Lei mosaica (cf. Lv 21, 18) impedia a oferta de sacrifícios por parte de quem tivesse deficiências físicas, consideradas como consequências de alguma culpa. Recordemos que diante de um cego de nascença, o povo tinha perguntado a Jesus: «Quem foi que pecou para que este homem nascesse cego, ele ou os seus pais?» (Jo 9, 2). De acordo com essa mentalidade, existe sempre uma culpa na origem de uma malformação. E em seguida foi-lhes negado até o acesso ao Templo. O coxo, paradigma dos numerosos excluídos e descartados da sociedade, está ali a pedir esmolas como todos os dias. Não pode entrar, mas está diante da

porta. E eis que acontece algo inesperado: chegam Pedro e João, e desencadeia-se *um jogo de olhares*. O aleijado fita os dois para pedir uma esmola; os Apóstolos, ao contrário, olham para ele, convidando-o a *fitá-los de maneira diversa, para receber outro dom*. O coxo olha para eles e Pedro diz-lhe: «Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e caminha!» (At 3, 6). Os Apóstolos estabeleceram uma relação, porque este é o modo como Deus gosta de se manifestar, na relação, sempre no diálogo, sempre nas aparições, sempre com a inspiração do coração: trata-se de relações de Deus connosco; através de um encontro real entre as pessoas, que só pode verificar-se no amor.

Além de ser o centro religioso, o Templo era inclusive um lugar de intercâmbios económicos e financeiros: a esta redução opuseram-se várias vezes os profetas e até o próprio Jesus (cf. *Lc 19, 45-46*). Mas quantas vezes penso nisto, quando vejo alguma paróquia onde se considera que o dinheiro é mais importante que os sacramentos! Por favor! Igreja pobre: peçamos isto ao Senhor! Quando se depara com os Apóstolos, aquele mendigo não recebe dinheiro, mas encontra *o Nome que salva o homem: Jesus Cristo, o Nazareno*. Pedro invoca o Nome de Jesus, ordena ao parálítico que se levante, que se ponha da posição dos vivos: de pé, e toca aquele doente, ou seja, pega-lhe pela mão e levanta-o, gesto no qual São João Crisóstomo vê «uma imagem da Ressurreição» (*Homilias sobre os Atos dos Apóstolos*, 8). E aqui aparece o retrato da Igreja, que vê quantos estão em dificuldade, não fecha os olhos, sabe encarar a humanidade para criar relações significativas, pontes de amizade e de solidariedade em vez de barreiras. Manifesta-se o rosto de «uma Igreja sem fronteiras que se sente mãe de todos» (*[Evangelii gaudium](#)*, 210), que sabe dar a mão e acompanhar para levantar, não para condenar. Jesus estende sempre a mão, sempre procura levantar, fazer com que as pessoas saiam, sejam felizes, encontrem Deus. Trata-se da «arte do acompanhamento», que se distingue pela delicadeza com a qual nos aproximamos da «terra sagrada do outro», dando ao caminho «o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã» (*[ibid.](#)*, n. 169). E é o que estes dois Apóstolos fazem ao coxo: fitam-no, dizem “olhe para nós”, estendem-lhe a mão, fazem-no levantar e curam-no. Assim faz Jesus com todos nós. Pensemos nisto, quando enfrentarmos maus

momentos, situações de pecado e de tristeza. Jesus diz-nos: “Olhai para mim: estou aqui!”. Peguemos na mão de Jesus e deixemo-nos levantar.

Pedro e João ensinam-nos a não confiar nos meios, que também são úteis, mas na verdadeira riqueza que é a relação com o Ressuscitado. Com efeito — como diria São Paulo — «somos julgados pobres, porém enriquecemos a muitos; sem posses, nós que tudo possuímos» (2 *Cor* 6, 10). O nosso tudo é o Evangelho, que manifesta o poder do Nome de Jesus que realiza prodígios.

E nós, cada um de nós, o que possuímos? Qual é a nossa riqueza, qual é o nosso tesouro? Como podemos enriquecer os outros? Peçamos ao Pai o dom de uma memória grata, recordando os benefícios do seu amor na nossa vida, para dar a todos o testemunho do louvor e da gratidão. Não nos esqueçamos: a mão sempre estendida para ajudar o outro a levantar-se; é a mão de Jesus que, através da nossa, ajuda o próximo a erguer-se!

6. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 21 de agosto de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

A comunidade cristã nasce da superabundante efusão do Espírito Santo e cresce graças ao fermento da partilha entre irmãos e irmãs em Cristo. Há um dinamismo de *solidariedade* que constrói a Igreja como família de Deus, onde a experiência da *koinonia* é central. Que significa esta palavra estranha? É uma palavra grega que significa «pôr em comum», «partilhar», ser uma comunidade, não se isolar. Esta é a experiência da primeira comunidade cristã, isto é, pôr em comum, «partilhar», «comunicar, participar», não isolar-se. Na Igreja das origens, esta *koinonia*, esta comunidade refere-se sobretudo à participação no Corpo e Sangue de Cristo. Por esta razão, quando fazemos comunhão declaramos, “comunicamos”, entramos em comunhão com Jesus e desta comunhão com Jesus chegamos à comunhão com os nossos irmãos e irmãs. E esta comunhão com o Corpo e Sangue de Cristo que se faz na Santa Missa, traduz-se em união fraterna, e portanto também com o que é mais difícil para nós: partilhar os bens e recolher dinheiro para a coleta a favor da Mãe Igreja de Jerusalém (cf. *Rm* 12, 13; 2 *Cor* 8-9) e para as outras Igrejas. Se quiserdes saber se sois bons cristãos, deveis orar, procurar aproximar-vos da comunhão, do sacramento da reconciliação. Mas o sinal de que o vosso coração se converteu é quando a conversão chega aos vossos bolsos, quando toca o vosso interesse: é nisso que se vê se alguém é generoso com os outros, se alguém ajuda os mais débeis, os mais pobres: quando a conversão chegar lá, tendes a certeza de que é uma verdadeira conversão. Se permanecer apenas em palavras, não é uma boa conversão.

A vida eucarística, as orações, a pregação dos Apóstolos e a experiência de comunhão (cf. *At* 2, 42) fazem dos crentes uma multidão de pessoas que têm — diz o Livro dos Actos dos Apóstolos — «um só coração e uma só alma» e que não consideram sua propriedade aquilo que possuem, mas conservam tudo em comum (cf. *At* 4, 32). É um modelo de vida tão forte que nos ajuda a ser generosos e não avarentos. Por isso, «entre eles não

havia ninguém necessitado, pois todos os que possuíam terras — diz o Livro — ou casas vendiam-nas, traziam o produto da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos. Distribuía-se, então, a cada um conforme a necessidade que tivesse» (At 4, 34-35). A Igreja sempre teve este gesto dos cristãos que se despojavam das coisas que tinham a mais, das coisas que não eram necessárias para dar aos necessitados. E não apenas dinheiro, mas tempo. Quantos cristãos — vocês, por exemplo, aqui na Itália — quantos cristãos são voluntários! Mas isto é lindo! É comunhão, partilhar o meu tempo com os outros, ajudar os necessitados. E assim o voluntariado, as obras de caridade, as visitas aos doentes; devemos sempre partilhar com os outros, e não apenas procurar o nosso próprio interesse.

A comunidade, ou *koinonia*, torna-se assim o *novo modo de relacionamento entre os discípulos do Senhor*. Os cristãos experimentam um novo modo de estar entre si, de se comportar. E é o modo próprio do cristão, a ponto de os pagãos olharem para os cristãos e dizerem: «Vede como se amam»! O amor era o caminho. Mas não amor de palavras, não amor falso: amor de obras, de ajuda mútua, amor concreto, concretude do amor. O vínculo com Cristo estabelece um vínculo entre irmãos que converge e se expressa também na comunhão dos bens materiais. Sim, essa forma de estar juntos, esse amor que vai até aos bolsos, chega a despojar-se do dinheiro para o dar aos irmãos, indo contra o próprio interesse. Ser membros do Corpo de Cristo torna os crentes co-responsáveis uns pelos outros. Ser crentes em Jesus torna-nos todos co-responsáveis uns pelos outros. «Mas olha para aquele, o problema que tem, não me interessa, que se arranje». Não, entre cristãos não podemos dizer: «Pobre homem, tem um problema em casa, está a passar por esta dificuldade familiar». Mas, devo rezar, levo-o comigo, não fico indiferente». Isto é ser cristão. Por isso os fortes sustentam os fracos (cf. *Rm* 15, 1) e ninguém experimenta a pobreza que humilha e desfigura a dignidade humana, porque vivem esta comunidade: ter o coração em comum. Eles amam-se. Este é o sinal: amor concreto.

Tiago, Pedro e João, os três apóstolos que são as «colunas» da Igreja de Jerusalém, estabelecem de modo comum que Paulo e Barnabé evangelizem os pagãos enquanto evangelizam os judeus, e perguntam apenas a Paulo e Barnabé qual é a condição: não esquecer os pobres, recordar os pobres (cf.

Gl 2, 9-10). Não só os pobres materiais, mas também os pobres espirituais, as pessoas que têm problemas e precisam da nossa proximidade. Um cristão parte sempre de si mesmo, do seu próprio coração, e aproxima-se dos outros como Jesus se aproximou de nós. Era assim a primeira comunidade cristã.

Um exemplo concreto da partilha e da comunhão dos bens vem-nos do testemunho de Barnabé: ele possui um campo e vende-o para entregar os proventos aos Apóstolos (cf. At 4, 36-37). Mas, ao lado do seu exemplo positivo, aparece outro, infelizmente negativo: Ananias e a sua esposa Safira, venderam um pedaço de terra, decidiram entregar apenas uma parte aos Apóstolos e guardar a outra para si mesmos (cf. At 5, 1-2). Este engano rompe a cadeia da partilha livre, da partilha serena, altruísta e as consequências são trágicas, fatais (At 5, 5.10). O apóstolo Pedro desmascarou a má conduta de Ananias e de sua esposa e disse-lhe: «Por que é que Satanás invadiu o teu coração, a ponto de te levar a mentir ao Espírito Santo e subtraíres uma parte do terreno? Não foi aos homens que tu mentiste, mas a Deus» (At 5, 3-4). Poderíamos dizer que Ananias mentiu a Deus por causa de uma consciência isolada, uma consciência hipócrita, isto é, por causa de uma pertença eclesial “negociada”, parcial e oportunista. A hipocrisia é o pior inimigo desta comunidade cristã, deste amor cristão: aquele fingir que se amam uns aos outros, mas procurar apenas o próprio interesse.

Falhar na sinceridade da partilha, de facto, ou falhar na sinceridade do amor, é cultivar a hipocrisia, distanciar-se da verdade, tornar-se egoísta, apagar o fogo da comunhão e destinar-se ao gelo da morte interior. Aqueles que se comportam assim passam pela Igreja como turistas. Há muitos turistas na Igreja que estão sempre de passagem, mas nunca entram na Igreja: é o turismo espiritual que os faz acreditar que são cristãos, enquanto são apenas turistas nas catacumbas. Não, não devemos ser turistas na Igreja, mas irmãos uns dos outros. Uma vida baseada unicamente em tirar proveito e vantagem de situações em detrimento de outros, provoca inevitavelmente a morte interior. E quantas pessoas dizem que frequentam a Igreja, que são amigos de sacerdotes, bispos, mas procuram apenas o seu próprio interesse. Estas são as hipocrisias que destroem a Igreja!

O Senhor — peço-o para todos nós — derrame sobre nós o seu Espírito de ternura, que supera qualquer hipocrisia e põe em circulação aquela verdade que alimenta a solidariedade cristã, a qual, longe de ser uma actividade de assistência social, é a expressão indispensável da natureza da Igreja, a terna mãe de todos, especialmente dos mais pobres.

7. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 28 de agosto de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

A comunidade eclesial descrita no livro dos Actos dos Apóstolos vive das muitas riquezas que o Senhor põe à sua disposição — o Senhor é generoso! — experimenta crescimento numérico e muita efervescência, apesar dos ataques externos. Para nos mostrar esta vitalidade, Lucas, no Livro dos Actos dos Apóstolos, indica-nos também lugares significativos, por exemplo o pórtico de Salomão (cf. *At* 5, 12), ponto de encontro dos crentes. O pórtico (*stoà*) é uma galeria aberta que serve de abrigo, mas também de ponto de encontro e testemunho. Lucas, de facto, insiste nos sinais e maravilhas que acompanham a palavra dos Apóstolos e no cuidado especial dos doentes aos quais eles se dedicam.

No capítulo 5 dos Atos, a Igreja nascente é mostrada como um «hospital de campo» que acolhe os mais débeis, isto é, os doentes. O sofrimento deles atrai os Apóstolos, que não possuem «nem prata nem ouro» (*At* 3, 6) — assim diz Pedro ao coxo — mas sentem-se fortes pelo nome de Jesus. Aos seus olhos, como aos olhos dos cristãos de todos os tempos, os doentes são destinatários privilegiados da boa nova do Reino, são irmãos nos quais Cristo está presente de modo especial, para que sejam procurados e encontrados por todos nós (cf. *Mt* 25, 36.40). Os doentes são privilegiados para a Igreja, para o coração sacerdotal, para todos os fiéis. Não devem ser descartados, pelo contrário, devem ser curados, devem ser cuidados: são objeto de preocupação cristã.

Entre os apóstolos, sobressai Pedro, que tem preeminência no grupo apostólico por causa do primado (cf. *Mt* 16, 18) e da missão recebida do Ressuscitado (cf. *Jo* 21, 15-17). É ele que inicia a pregação do *querigma* no dia de Pentecostes (cf. *At* 2, 14-41) e que no Concílio de Jerusalém desempenhará uma função diretiva (cf. *At* 15 e *Gl* 2, 1-10).

Pedro aproxima-se das macas e passa entre os doentes, tal como fizera Jesus, assumindo sobre si enfermidades e doenças (cf. *Mt* 8, 17; *Is* 53, 4). E Pedro, o pescador da Galileia, passa, mas deixa que seja Outro a manifestar-se: que seja o Cristo vivo e ativo! A testemunha, de facto, é aquela que manifesta Cristo, tanto por palavras como com a presença corpórea, que lhe permite relacionar-se e ser um prolongamento do Verbo feito carne na história.

Pedro é aquele que realiza as obras do Mestre (cf. *Jo* 14, 12): olhando para ele com fé, vê-se o próprio Cristo. Cheio do Espírito do seu Senhor, Pedro passa e, sem que ele faça nada, a sua sombra torna-se uma “carícia”, reparadora, uma comunicação de saúde, uma efusão da ternura do Ressuscitado que se inclina sobre os doentes e restaura a vida, a salvação e a dignidade. Deste modo, Deus manifesta a sua proximidade e faz das feridas dos seus filhos «o lugar teológico da sua ternura» (*Meditação matutina*, Santa Marta, 14.12.2017). Nas chagas dos doentes, nas doenças que impedem o avanço da vida, há sempre a presença de Jesus, as chagas de Jesus. Há Jesus que chama cada um de nós a cuidar deles, a sustentá-los, a curá-los.

A ação curadora de Pedro despertou o ódio e a inveja dos saduceus, que aprisionaram os apóstolos e, perturbados com a sua misteriosa libertação, proibiram-nos de ensinar. Estas pessoas viram os milagres que os apóstolos fizeram não por magia, mas em nome de Jesus; mas não quiseram aceitar isso e aprisionaram-nos, castigaram-nos. Foram depois libertados milagrosamente, mas os corações dos saduceus eram tão duros que não queriam acreditar no que viam. Então Pedro respondeu oferecendo uma chave da vida cristã: «Obedecer a Deus e não aos homens» (*At* 5, 29), porque eles — os saduceus — dizem: «Não deveis prosseguir com estas coisas, não deveis curar» — “Eu obedeco a Deus e não aos homens”: é a grande resposta cristã. Significa ouvir a Deus sem reservas, sem atrasos, sem cálculos; aderir a Ele para poder fazer aliança com Ele e com aqueles que encontramos no nosso caminho.

Peçamos também ao Espírito Santo a força para não nos amedrontarmos diante daqueles que nos mandam calar, nos caluniam e até atentam contra a

nossa vida. Peçamos-lhe que nos fortaleça interiormente para termos a certeza da presença amorosa e reconfortante do Senhor ao nosso lado.

8. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 18 de setembro de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Continuamos a nossa catequese sobre os Atos dos Apóstolos. Diante da proibição dos judeus de ensinar em nome de Cristo, Pedro e os Apóstolos respondem com coragem que não podem obedecer àqueles que querem interromper o caminho do Evangelho no mundo.

Os Doze mostram assim que possuem aquela «obediência da fé» que depois quererão suscitar em todos os homens (cf. *Rm* 1, 5). Com efeito, a partir do Pentecostes já não são homens “sozinhos”. Eles experimentam aquela sinergia especial que os faz descentralizar de si mesmos e os leva a dizer: “nós e o Espírito Santo” (*At* 5, 32) ou “o Espírito Santo e nós”. (*At* 15, 28). Eles sentem que não podem dizer só “eu”, são homens descentralizados de si mesmos. Fortalecidos por esta aliança, os Apóstolos não se deixam intimidar por ninguém. Tiveram uma coragem impressionante! Pensamos que eram cobardes: todos fugiram, fugiram quando Jesus foi preso. Mas, de cobardes, tornaram-se tão corajosos. Porquê? Porque o Espírito Santo estava com eles. O mesmo acontece connosco: se tivermos o Espírito Santo em nós, teremos a coragem de ir em frente, a coragem de superar tantas lutas, não por nós mesmos, mas pelo Espírito que está em nós. Não retrocedem na sua marcha de intrépidas testemunhas de Jesus ressuscitado, como os mártires de todos os tempos, incluindo o nosso. Os mártires dão a sua vida, não escondem que são cristãos. Pensemos, há alguns anos — ainda hoje há muitos — mas pensemos, há quatro anos, naqueles cristãos coptas ortodoxos, verdadeiros trabalhadores, na praia da Líbia: todos foram degolados. Mas a última palavra que disseram foi “Jesus, Jesus”. Eles não desbarataram a fé, porque o Espírito Santo estava com eles. Estes são os mártires de hoje! Os Apóstolos são os “megafones” do Espírito Santo, enviados pelo Ressuscitado para difundir prontamente e sem hesitação a Palavra que dá a salvação.

E, de facto, esta determinação faz tremer o “sistema religioso” judaico, que se sente ameaçado e responde com violência e sentenças de morte. A perseguição dos cristãos é sempre a mesma: as pessoas que não querem o cristianismo sentem-se ameaçadas e por isso matam os cristãos. Mas, no meio do sinédrio, a voz diferente de um fariseu que opta por conter a reação dos seus: chamava-se Gamaliel, um homem prudente, «doutor da Lei, estimado por todo o povo». Na sua escola, São Paulo aprendeu a observar «a Lei dos Pais» (cf. At 22, 3). Gamaliel toma a palavra e mostra aos seus irmãos como praticar a arte do discernimento diante de situações que vão além dos esquemas usuais.

Ele prova, citando alguns personagens que se fizeram passar pelo Messias, que qualquer projeto humano pode inicialmente ser aprovado mas depois pode naufragar, enquanto tudo o que vem do alto e tem a “marca” de Deus está destinado a durar. Os projetos humanos falham sempre; têm um tempo, como nós. Pensai em tantos projetos políticos, e em como eles mudam de um lado para o outro, em todos os países. Pensai nos grandes impérios, pensai nas ditaduras do século passado: sentiam-se muito poderosas, pensavam que dominavam o mundo. E depois todas elas caíram. Pensai também hoje nos impérios atuais: eles desmoronarão, se Deus não estiver com eles, porque a força que os homens têm em si mesmos não é duradoura. Só a força de Deus dura. Pensai na história dos cristãos, também na história da Igreja, com tantos pecados, com tantos escândalos, com tantas coisas más nestes dois milénios. E por que não colapsou? Porque Deus está nela. Somos pecadores, e muitas vezes também damos escândalo. Mas Deus está connosco. E Deus salva primeiro a nós, e depois a eles; mas o Senhor salva sempre. A força é “Deus connosco”. Gamaliel demonstra, citando algumas personagens que se fizeram passar pelo Messias, que cada projeto humano pode primeiro ser aprovado e depois naufragar. Por isso Gamaliel conclui que, se os discípulos de Jesus de Nazaré acreditam num impostor, estão destinados a desaparecer; mas se eles seguem alguém que vem de Deus, é melhor desistir de lutar contra eles; e adverte: correreis “o risco de entrardes em guerra contra Deus!” (At 5, 39). Ele ensina-nos a fazer este discernimento.

São palavras serenas e clarividentes, que nos permitem ver o acontecimento cristão com uma nova luz e oferecem critérios que “sabem a

Evangelho”, porque nos convidam a reconhecer a árvore pelos seus frutos (cf. *Mt* 7, 16). Elas tocam os corações e alcançam o efeito desejado: os outros membros do Sinédrio seguem o seu conselho e renunciam aos propósitos de morte, isto é, de matar os Apóstolos.

Peçamos ao Espírito Santo que aja em nós para que, pessoalmente e em comunidade, possamos adquirir o *habitus* do discernimento. Peçamos-lhe que seja sempre capaz de ver a unidade da história da salvação através dos sinais da passagem de Deus no nosso tempo e nos rostos dos que nos rodeiam, para que aprendamos que o tempo e os rostos humanos são mensageiros do Deus vivo.

9. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 25 de setembro de 2019

Bom dia, estimados irmãos e irmãs!

Através do Livro dos Atos dos Apóstolos, continuamos a percorrer um caminho: o caminho do Evangelho no mundo. São Lucas mostra com grande realismo tanto a fecundidade deste caminho como o surgimento de alguns problemas no seio da comunidade cristã. Desde o princípio, sempre houve problemas. Como harmonizar as diferenças que coexistem no seu interior, sem que se verifiquem contrastes e divisões?

A comunidade não acolhia só judeus, mas também gregos, isto é, pessoas provenientes da diáspora, não-judeus, com as próprias culturas e sensibilidades e com outra religião. Hoje, dizemos “pagãos”. E eles eram acolhidos. Essa convivência determina equilíbrios frágeis e precários; mas diante das dificuldades nasce o “joio”, e qual é o pior joio que destrói uma comunidade? O joio da murmuração, o joio da tagarelice: os gregos murmuram devido à desatenção da comunidade em relação às suas viúvas.

Os Apóstolos encetam um processo de discernimento que consiste em considerar bem as dificuldades e em procurar juntos soluções. Encontram uma saída, distribuindo as várias tarefas para um crescimento sereno de todo o corpo eclesial e para evitar negligenciar tanto a “corrida” do Evangelho como o cuidado dos membros mais pobres.

Os Apóstolos estão cada vez mais conscientes de que a sua vocação principal é a oração e a pregação da Palavra de Deus: rezar e anunciar o Evangelho; e resolvem a questão instituindo um núcleo de «sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria» (At 6, 3) que, depois de terem recebido a imposição das mãos, se ocuparão do serviço nos refeitórios. Trata-se de diáconos, que são criados para isto, para o serviço. Na Igreja o diácono não é um sacerdote de segundo plano, é outra coisa; não é para o altar, mas para o serviço. É o guardião do serviço na Igreja. Quando um diácono gosta demasiado de ir ao altar, está enganado. Este não

é o seu caminho. Esta harmonia entre serviço à Palavra e serviço à caridade representa o fermento que faz levedar o corpo eclesial.

E os Apóstolos criam sete diáconos, e entre os sete “diáconos”, destacam-se em particular Estêvão e Filipe. Estêvão evangeliza com força e *parrésia*, mas a sua palavra encontra as resistências mais obstinadas. Dado que não encontra outra maneira para o levar a desistir, o que fazem os seus adversários? Escolhem a solução mais mesquinha para aniquilar um ser humano: isto é, a calúnia, ou falso testemunho. E sabemos que a calúnia mata sempre. Este “tumor diabólico”, que deriva da vontade de destruir a reputação de uma pessoa, fere também o resto do corpo eclesial, danificando-o gravemente quando, por interesses desprezíveis ou para encobrir as suas próprias faltas, as pessoas unem-se para difamar alguém.

Conduzido ao Sinédrio e acusado por falsas testemunhas — fizeram o mesmo com Jesus e farão o mesmo com todos os mártires através de falsas testemunhas e calúnias — Estêvão proclama uma releitura da história sagrada, centrada em Cristo, para se defender. E a Páscoa de Jesus morto e ressuscitado é a chave de toda a história da aliança. Perante esta superabundância do dom divino, Estêvão denuncia corajosamente a hipocrisia com que os profetas e o próprio Cristo foram tratados. E recorda-lhes a história, dizendo: «Qual foi o profeta que os vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que predisseram a vinda do Justo, a Quem agora traístes e assassinastes» (At 7, 52). Ele não usa meias-palavras, mas fala claramente, diz a verdade.

Isto provoca a reação violenta dos ouvintes, e Estêvão é condenado à morte, à lapidação. Mas ele manifesta o verdadeiro “talento” do discípulo de Cristo. Ele não procura subterfúgios, não apela a personalidades que o possam salvar, mas volta a colocar a sua vida nas mãos do Senhor e naquele momento a oração de Estêvão é muito bonita: «Senhor Jesus, recebe o meu Espírito» (At 7, 59), e morre como um filho de Deus, perdando: «Senhor, não lhes atribuas este pecado» (At 7, 60).

Estas palavras de Estêvão ensinam-nos que não são os belos discursos que revelam a nossa identidade de filhos de Deus, mas somente o abandono da própria vida nas mãos do Pai e o perdão para aqueles que nos ofendem mostram-nos a qualidade da nossa fé.

Hoje há mais mártires do que nos primórdios da vida da Igreja, e os mártires estão em toda a parte. A Igreja de hoje é rica de mártires, é irrigada pelo seu sangue, que é «semente de novos cristãos» (Tertuliano, Apologeticum, 50, 13) e assegura crescimento e fecundidade ao Povo de Deus. Os mártires não são “santinhos”, mas homens e mulheres de carne e osso que — como diz o Apocalipse — «lavaram as suas túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro» (7, 14). Eles são os verdadeiros vencedores!

Peçamos também nós ao Senhor que, olhando para os mártires de ontem e de hoje, possamos aprender a levar uma vida plena, aceitando o martírio da fidelidade diária ao Evangelho e da conformidade com Cristo.

10. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 2 de outubro de 2019

Queridos irmãos e irmãs!

Depois do martírio de Estêvão, a “corrida” da Palavra de Deus parece ter chegado a um impasse, devido ao desencadeamento de «uma terrível perseguição contra a Igreja de Jerusalém» (At 8, 1). Por causa disto, os Apóstolos permanecem em Jerusalém, enquanto muitos cristãos se dispersam por outros lugares da Judeia e da Samaria.

No Livro dos Atos, a perseguição manifesta-se como a condição permanente da vida dos discípulos, de acordo com o que Jesus disse: «Se me perseguiram a mim, também vos hão-de perseguir a vós» (Jo 15, 20). Mas em vez de apagar o fogo da evangelização, a perseguição alimenta-o ainda mais.

Ouvimos o que fez o diácono Filipe, que começa a evangelizar as cidades da Samaria, e são numerosos os sinais de libertação e de cura que acompanham o anúncio da Palavra. Neste ponto, o Espírito Santo marca uma nova etapa no caminho do Evangelho: impele Filipe a ir ao encontro de um estrangeiro com o coração aberto a Deus. Filipe levanta-se e parte com ímpeto e, numa estrada deserta e perigosa, encontra um alto funcionário da rainha da Etiópia, administrador dos seus tesouros. Este homem, um eunuco, depois de ter passado por Jerusalém para o culto, regressa ao seu país. Era um prosélito judeu da Etiópia. Sentado numa carruagem, lê o pergaminho do profeta Isaías, em particular o quarto cântico do “servo do Senhor”. Filipe aproxima-se da carruagem e pergunta-lhe: «Compreendes, verdadeiramente, o que estás a ler?» (At 8, 30). O Etíope responde: «E como poderei compreender, sem alguém que me oriente?» (At 8, 31). Esse homem poderoso reconhece que tem necessidade de ser guiado para entender a Palavra de Deus. Era o grande banqueiro, o ministro da economia, tinha todo o poder do dinheiro, mas sabia que sem a explicação não conseguia entender, era humilde.

E esse diálogo entre Filipe e o Etíope faz refletir também sobre a constatação de que não é suficiente ler as Escrituras, pois precisamos de entender o seu significado, encontrar o “sumo”, indo mais além da “casca”, haurindo o Espírito que anima a letra. Como o Papa Bento XVI disse no início do Sínodo sobre a Palavra de Deus, «a exegese, a verdadeira leitura da Sagrada Escritura, não é apenas um fenómeno literário [...] É o movimento da minha existência» (*Meditação*, 6 de outubro de 2008). Entrar na Palavra de Deus significa estar disposto a sair dos próprios limites para encontrar e se conformar com Cristo, que é a Palavra viva do Pai.

Então, quem é o protagonista do que lia o Etíope? Filipe oferece ao seu interlocutor a chave de leitura: aquele manso servo sofredor, que não reage ao mal com o mal e que, não obstante seja considerado fracassado, estéril e, por fim afastado, liberta o povo da iniquidade e dá fruto para Deus é precisamente aquele Cristo que a Igreja inteira e Filipe anunciam! E que nos redimiu todos através da Páscoa. No final, o Etíope reconhece Cristo, pede o Batismo e professa a fé no Senhor Jesus. É uma linda narração, mas quem levou Filipe ao deserto para se encontrar com aquele homem? Quem levou Filipe a aproximar-se da carruagem? Foi o Espírito Santo. O Espírito Santo é o protagonista da evangelização. «Padre, eu vou evangelizar» — “Sim, o que fazes?” — “Ah, anuncio o Evangelho e digo quem é Jesus, procuro convencer as pessoas de que Jesus é Deus”. Amigo, isso não é evangelização, se não houver o Espírito Santo, não haverá evangelização! Isso pode ser proselitismo, publicidade... Mas evangelizar significa deixar-se guiar pelo Espírito Santo, que seja Ele que te estimula ao anúncio, ao anúncio com o testemunho, inclusive com o martírio, até com a palavra.

Depois de ter levado o Etíope a encontrar o Ressuscitado — o Etíope encontra Jesus Ressuscitado porque compreende aquela profecia — Filipe desaparece; o Espírito arrebatou-o e envia-o para fazer outra coisa. Eu disse que o protagonista da evangelização é o Espírito Santo, e qual é o sinal de que tu cristã, cristão, és evangelizador? A alegria! Até no martírio. E, cheio de alegria, Filipe partiu para outra região, a fim de anunciar o Evangelho.

Que o Espírito faça dos batizados homens e mulheres que anunciam o Evangelho para atrair os outros, não para si, mas para Cristo, que saibam

abrir espaço para a ação de Deus, que saibam tornar os outros livres e responsáveis perante o Senhor!

11. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 9 de outubro de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Partindo do episódio do apedrejamento de Estêvão, aparece uma figura que, ao lado de Pedro, é a mais presente e incisiva dos Atos dos Apóstolos: a de «um jovem chamado Saulo» (At 7, 58). Ele é descrito no início como aquele que aprova a morte de Estêvão e quer «destruir a Igreja» (cf. At 8, 3); mas depois tornar-se-á o instrumento escolhido por Deus para anunciar o Evangelho às nações (cf. At 9, 15; 22, 21; 26, 17).

Com a autorização do sumo sacerdote, Saulo perseguia os cristãos e capturava-os. Vós, que pertenceis a alguns povos que foram perseguidos por ditaduras, compreendeis bem o que significa perseguir pessoas e capturá-las. Foi o que o Saulo fez. E ele fez isso pensando que estava a servir a lei do Senhor. Lucas diz que Saulo “respirava” sempre «ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor» (At 9, 1): nele há um sopro que cheira a morte, não a vida.

O jovem Saulo é retratado como um intransigente, isto é, alguém que manifesta intolerância para com aqueles que pensam de modo diferente, absolutiza a sua identidade política ou religiosa e reduz o outro a um inimigo potencial a ser combatido. Um ideólogo. Em Saulo, a religião foi transformada em ideologia: ideologia religiosa, ideologia social, ideologia política. Só depois de ter sido transformado por Cristo, então ensinará que a verdadeira batalha «não é contra os seres humanos [...], mas contra [...] os Dominadores deste mundo de trevas, e contra os espíritos do mal» (Ef 6, 12). Ele ensinará que não se devem combater as pessoas, mas o mal que inspira as suas ações.

A condição raivosa — porque Saulo era raivoso — e conflituosa de Saulo convida todos a questionar-se: como vivo eu a minha vida de fé? Vou ao *encontro* dos outros ou ponho-me *contra* os outros? Pertencço à Igreja universal (bons e maus, todos) ou tenho uma ideologia seletiva? Adoro

Deus ou adoro formulações dogmáticas? Como é a minha vida religiosa? A fé em Deus que professo torna-me amigável ou hostil àqueles que são diferentes de mim?

Lucas diz-nos que, enquanto Saulo se dedica totalmente a erradicar a comunidade cristã, o Senhor está nas suas pegadas para comover o seu coração e convertê-lo a si. É o método do Senhor: comove o coração. O Ressuscitado toma a iniciativa e manifesta-se a Saulo no caminho de Damasco, acontecimento narrado três vezes no Livro dos Atos (cf. *At* 9, 3-19; 22, 3-21; 26, 4-23). Através da combinação de “luz” e “voz”, típica das teofanias, o Ressuscitado aparece a Saulo e pede-lhe que responda pela sua fúria fraticida: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» (*At* 9, 4). Aqui o Ressuscitado manifesta o seu ser um só com aqueles que crêem n'Ele: atacar um membro da Igreja é como atacar o próprio Cristo! Também quantos são ideólogos porque querem a “pureza” — entre aspas — da Igreja, atacam Cristo.

A voz de Jesus diz a Saulo: «Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer» (*At* 9, 6). Mas Saulo, quando se levanta, já não vê nada, está cego, e de homem forte, autoritário e independente, torna-se fraco, necessitado e dependente dos outros, porque não vê. A luz de Cristo ofuscou-o e tornou-o cego: «assim vê-se também exteriormente o que era a sua realidade interior, a sua cegueira em relação à verdade, à luz que é Cristo» (Bento XVI, *Audiência Geral*, 3 de Setembro de 2008).

Deste “corpo a corpo” entre Saulo e o Ressuscitado, tem início uma transformação que mostra a “páscoa pessoal” de Saulo, a sua passagem da morte para a vida: o que antes era glória torna-se «lixo» a ser rejeitado para adquirir o verdadeiro ganho que é Cristo e a vida nele (cf. *Fl* 3, 7-8).

Paulo é batizado. O baptismo marca assim para Saulo, como para cada um de nós, o início de uma nova vida, e é acompanhado por um novo olhar sobre Deus, sobre Si mesmo e sobre os outros, que de inimigos se tornam irmãos em Cristo.

Peçamos ao Pai que faça experimentar também a nós, como Saulo, o impacto com o seu amor, o único que pode transformar um coração de

pedra num coração de carne (cf. *Ez* 11, 15), capaz de acolher em si mesmo «os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus» (*Fl* 2, 5).

12. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 16 de outubro de 2019

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

A viagem do Evangelho no mundo, que São Lucas narra nos Atos dos Apóstolos está acompanhada pela máxima criatividade de Deus que se manifesta de maneira surpreendente. Deus quer que os seus filhos superem qualquer particularismo para se abrirem à universalidade da salvação. Esta é a finalidade: superar os particularismos e abrir-se à universalidade da salvação, pois Deus deseja salvar todos. Quantos renasceram da água e do Espírito — os batizados — são chamados a sair de si mesmos e a abrir-se aos outros, a viver a proximidade, o estilo do viver juntos, que transforma qualquer relação interpessoal numa experiência de fraternidade (cf. Exort. ap. [*Evangelii gaudium*](#), 87).

Pedro, protagonista nos Atos dos Apóstolos juntamente com Paulo, é a testemunha deste processo de “fraternização” que o Espírito deseja introduzir na história. Pedro vive um evento que assinala uma mudança decisiva para a sua existência. Enquanto reza, recebe uma visão que serve de “provocação” divina, para suscitar nele uma mudança de mentalidade. Vê uma grande toalha que desce do alto, dentro da qual há vários animais: quadrúpedes, répteis e aves, e ouve uma voz que o convida a alimentar-se com aquelas carnes. Ele, sendo bom judeu, responde afirmando que nunca comeu nada de impuro, como exigido pela Lei do Senhor (cf. *Lv* 11). Então a voz insiste vigorosamente: «O que foi purificado por Deus não o consideres tu impuro» (*At* 10, 15).

Com este facto o Senhor quer que Pedro deixe de avaliar os eventos e as pessoas segundo as categorias do puro e do impuro, mas que aprenda a ir adiante, a fim de considerar a pessoa e as intenções do seu coração. Com efeito, o que torna o homem impuro não vem de fora mas só de dentro, do coração (cf. *Mc* 7, 21). Jesus disse isto claramente.

Depois daquela visão, Deus envia Pedro a casa de um estrangeiro não circuncidado, Cornélio, «centurião da coorte itálica [...] Piedoso e temente a Deus» que dava largas esmolas ao povo e orava continuamente a Deus (cf. At 10, 1-2), mas não era judeu.

Naquela casa de pagãos, Pedro anuncia Cristo crucificado e ressuscitado e o perdão dos pecados a todo aquele que crê n'Ele. E enquanto Pedro fala, sobre Cornélio e os seus familiares efunde-se o Espírito Santo. E Pedro batiza-os em nome de Jesus Cristo (cf. At 10, 48).

Este acontecimento extraordinário — é a primeira vez que se verifica uma coisa deste género — difunde-se em Jerusalém, onde os irmãos escandalizados com o comportamento de Pedro, o reprovam asperamente (cf. At 11, 1-3). Pedro fez algo que ia além dos costumes, que ia além da lei, e por isso o censuraram. Mas depois do encontro com Cornélio, Pedro sente-se mais livre de si mesmo e mais em comunhão com Deus e com os demais, pois viu a vontade de Deus na ação do Espírito Santo. Portanto, pode compreender que a eleição de Israel não é a recompensa devido a méritos, mas o sinal da chamada gratuita a ser mediação da bênção divina entre os povos pagãos.

Queridos irmãos, aprendamos do príncipe dos Apóstolos que um evangelizador não pode ser um impedimento para a obra criadora de Deus, o qual «quer que todos os homens sejam salvos» (1 Tm 2, 4), mas alguém que favorece o encontro dos corações com o Senhor. E nós, como nos comportamos com os nossos irmãos, sobretudo com quantos não são cristãos? Somos impedimento para o encontro com Deus? Obstaculamos o seu encontro com o Pai ou favorecemo-lo?

Peçamos hoje a graça de nos deixarmos impressionar com as surpresas de Deus, de não impedir a sua criatividade, mas de reconhecer e favorecer as vias sempre novas através das quais o Ressuscitado efunde o seu Espírito no mundo e atrai os corações fazendo-se conhecer como o «Senhor de todos» (At 10, 36). Obrigado.

13. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 23 de outubro de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

O livro dos Atos dos Apóstolos diz-nos que São Paulo, depois daquele encontro transformador com Jesus, é acolhido pela Igreja de Jerusalém graças à mediação de Barnabé e começa a anunciar Cristo. No entanto, por causa da hostilidade de alguns, ele foi forçado a transferir-se para Tarso, sua cidade natal, onde Barnabé se juntou a ele para o envolver numa *longa viagem da Palavra de Deus*. O Livro dos Atos dos Apóstolos, que comentamos nestas catequese, pode ser considerado o livro do longo caminho da Palavra de Deus: a Palavra de Deus deve ser anunciada e proclamada em toda a parte. Esta viagem começa depois de uma grande perseguição (cf. At 11, 19); mas ela, em vez de causar uma estagnação da evangelização, torna-se uma oportunidade para ampliar o campo onde lançar a boa semente da Palavra. Os cristãos não se assustam. Eles têm que fugir, mas fogem com a Palavra, e espalham a Palavra por toda a parte.

Paulo e Barnabé chegaram primeiro a Antioquia, na Síria, onde ficaram durante um ano inteiro para ensinar e ajudar a comunidade a criar raízes (cf. At 11, 26). Eles anunciaram à comunidade judaica, aos judeus. Antioquia torna-se assim o centro de propulsão missionária, graças à pregação com que os dois evangelizadores — Paulo e Barnabé — incidem no coração dos crentes, que aqui, em Antioquia, são chamados pela primeira vez «cristãos» (cf. At 11, 26).

O Livro dos Atos revela a natureza da Igreja, que não é uma fortaleza, mas uma tenda capaz de alargar o seu espaço (cf. Is 54, 2) e de dar acesso a todos. A Igreja ou é «em saída» ou não é Igreja, ou está a caminho, alargando sempre o seu espaço para que todos possam entrar, ou não é Igreja. «Uma Igreja com portas abertas» (Exortação Apostólica [*Evangelii gaudium*](#), 46), sempre com as portas abertas. Quando vejo alguma pequena igreja aqui, nesta cidade, ou quando a vejo na outra diocese de onde venho, com as portas fechadas, isto é um mau sinal. As igrejas devem ter sempre as

portas abertas porque este é o símbolo do que é uma igreja: sempre aberta. A Igreja é «chamada a ser sempre a casa aberta do Pai [...] Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada» (*Ibid.*, 47).

Mas esta novidade das portas *abertas para quem? Para os pagãos*, porque os Apóstolos pregavam aos judeus, mas também os pagãos vieram bater à porta da Igreja; e esta novidade das portas abertas aos pagãos desencadeia uma controvérsia muito animada. Alguns Judeus afirmam a necessidade de se tornarem Judeus através da circuncisão para se salvarem e depois receberem o batismo. Eles dizem: «Se não vos circuncidardes, de harmonia com o uso herdado de Moisés, não podereis ser salvos» (*At* 15, 1), isto é, não podereis receber sucessivamente o batismo. Primeiro o rito judaico e depois o baptismo: esta era a posição deles. E para resolver a questão, Paulo e Barnabé consultam o conselho dos Apóstolos e dos anciãos em Jerusalém, e tem lugar aquele que é considerado o primeiro concílio na história da Igreja, o *concílio ou assembleia de Jerusalém*, ao qual Paulo se refere na Carta aos Gálatas (2, 1-10).

É tratada uma questão teológica, espiritual e disciplinar muito delicada: isto é, *a relação entre a fé em Cristo e a observância da Lei de Moisés*. Decisivos no decorrer da assembleia são os discursos de Pedro e Tiago, as «colunas» da Igreja-mãe (cf. *At* 15, 7-21; *Gl* 2, 9). Eles convidam a não impor circuncisão aos pagãos, mas apenas a pedir-lhes que rejeitem a idolatria e todas as suas expressões. Do debate surge o caminho comum, e esta decisão é ratificada com a chamada carta apostólica enviada a Antioquia.

A Assembleia de Jerusalém oferece-nos uma visão importante sobre como lidar com as divergências e procurar «a verdade na caridade» (*Ef* 4, 15). Recorda-nos que o método eclesial para a resolução dos conflitos se baseia no diálogo feito de escuta atenta e paciente e no discernimento realizado à luz do Espírito. É o Espírito, de facto, que ajuda a superar os fechamentos, as tensões e trabalha nos corações para que alcancem, na verdade e no bem, para que alcancem unidade. Este texto ajuda-nos a compreender a sinodalidade. É interessante como escrevem a Carta: os Apóstolos começam por dizer: “O Espírito Santo e nós *pensamos...*”. É

próprio da sinodalidade, a presença do Espírito Santo, caso contrário não é sinodalidade, é parlatório, parlamento, outra coisa...

Peçamos ao Senhor que fortaleça em todos os cristãos, especialmente nos bispos e sacerdotes, o desejo e a responsabilidade da comunhão. Nos ajude a viver o diálogo, a escuta e o encontro com os irmãos na fé e com aqueles que estão distantes, para saborear e manifestar a fecundidade da Igreja, chamada a ser em cada época «mãe jubilosa» de muitos filhos (cf. *SI* 113, 9).

14. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 30 de outubro de 2019

Bom dia, estimados irmãos e irmãs!

Lendo os Atos dos Apóstolos vê-se que o Espírito Santo é o protagonista da missão da Igreja: é Ele quem guia o caminho dos evangelizadores, mostrando-lhes a vereda a seguir.

Vemos isto claramente no momento em que o Apóstolo Paulo, ao chegar a Tróade, tem uma visão. Um Macedônio suplica-lhe: «Vem à Macedónia e ajuda-nos!» (At 16, 9). O povo da Macedónia do Norte é orgulhoso disto, muito orgulhoso de ter chamado Paulo, para que ele anunciasse Jesus Cristo. Lembro-me muito bem daquele bonito povo, que me recebeu com tanto entusiasmo: oxalá conserve a fé que Paulo lhe anunciou! O Apóstolo não hesita e parte para a Macedónia, certo de que é o próprio Deus que o envia, e chega a Filipos, «colónia romana» (At 16, 12) na Via Egnácia, para pregar o Evangelho. Paulo passa ali vários dias. São três os acontecimentos que caracterizam a sua permanência em Filipos, naqueles três dias: três acontecimentos importantes. 1) A evangelização e o batismo de Lídia e da sua família; 2) a prisão que sofreu, com Silas, depois de ter exorcizado uma escrava explorada pelos seus senhores; 3) a conversão e o batismo do seu carcereiro e da sua família. Vemos estes três episódios na vida de Paulo.

O poder do Evangelho visa sobretudo as mulheres de Filipos, em particular Lídia, uma comerciante de púrpura, na cidade de Tiatira, uma crente em Deus a quem o Senhor abre o coração «para aderir às palavras de Paulo» (At 16, 14). Com efeito, Lídia acolhe Cristo, recebe o Batismo com a sua família e hospeda *aqueles que pertencem a Cristo*, acolhendo Paulo e Silas na sua casa. Aqui temos o testemunho da chegada do cristianismo à Europa: o início de um processo de inculturação que continua até hoje. Ele veio da Macedónia.

Depois do entusiasmo experimentado na casa de Lídia, Paulo e Silas têm que enfrentar a dureza da prisão: passam da consolação da conversão de Lídia e da sua família para a desolação do cárcere, onde foram lançados por terem libertado, em nome de Jesus, «uma serva que tinha um espírito de adivinhação» e que «dava muito lucro aos seus senhores» com o trabalho de adivinha (At 16, 16). Os seus senhores ganhavam muito dinheiro e aquela pobre escrava fazia o que os adivinhos fazem: adivinhava o futuro, lia as mãos — como diz a canção, “prendi questa mano, zingara” [“pega nesta mão, cigana”] — e as pessoas pagavam por isto. Prezados irmãos e irmãs, ainda hoje há pessoas que pagam por isto. Lembro-me que na minha diocese, num parque muito grande, havia mais de 60 mesinhas, diante das quais estavam sentados os adivinhos e as adivinhas, que liam as mãos e as pessoas acreditavam nessas coisas! E pagavam. E isto acontecia também na época de São Paulo. Por retaliação, os seus senhores denunciam Paulo e conduzem os Apóstolos perante os magistrados com a acusação de desordem pública.

Mas o que acontece? Paulo está na prisão e, durante a sua detenção, verifica-se algo surpreendente. Está desolado, mas em vez de se queixar, Paulo e Silas cantam louvores a Deus e este louvor desencadeia um poder que os liberta: durante a oração, um tremor de terra abala os fundamentos da prisão, as portas abrem-se e as correntes de todos caem (cf. At 16, 25-26). Como a oração de Pentecostes, também a prece recitada na prisão provoca efeitos prodigiosos.

Julgando que os prisioneiros tinham escapado, o carcereiro estava prestes a suicidar-se, pois quando um prisioneiro escapava, os carcereiros pagavam com a própria vida; mas Paulo brada-lhe: «Estamos todos aqui!» (At 16, 27-28). Então, ele pergunta: «Que devo fazer para ser salvo?» (v. 30). A resposta é: «Acredita no Senhor Jesus, e assim tu e os teus sereis salvos» (v. 31). É neste ponto que se verifica a mudança: no meio da noite, o carcereiro e a sua família ouvem a palavra do Senhor, acolhem os Apóstolos, lavam as suas feridas — porque tinham sido espancados — e, com a sua família, recebem o Batismo; então, ele «entrega-se, com a família, à alegria de ter acreditado em Deus» (v. 34), prepara a mesa e convida Paulo e Silas a permanecer com eles: o momento da consolação! No meio da noite deste carcereiro anónimo, a luz de Cristo brilha e vence as

trevas: as correntes do coração caem e, nele e na sua família, floresce uma alegria nunca experimentada. É assim que o Espírito Santo cumpre a missão: desde o início, do Pentecostes em diante, Ele é o protagonista da missão. E leva-nos adiante; devemos ser fiéis à vocação que o Espírito nos impele a abraçar. Para anunciar o Evangelho!

Peçamos também nós hoje ao Espírito Santo um coração aberto, sensível a Deus e hospitaleiro para com os nossos irmãos, como o de Lídia, e uma fé arrojada, como a de Paulo e de Silas, e inclusive um coração aberto, como o do carcereiro que se deixa tocar pelo Espírito Santo.

15. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 6 de novembro de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Continuamos o nosso “caminho” com o livro dos Atos dos Apóstolos. Depois das provações em Filipos, Tessalónica e Bereia, Paulo chegou a Atenas, precisamente no coração da Grécia (cf. At 17, 15). Esta cidade, que vivia à sombra de antigas glórias apesar da decadência política, ainda mantinha a primazia da cultura. Aqui o Apóstolo «fremia de indignação, ao ver a cidade repleta de ídolos» (At 17, 16). Contudo, este “impacto” com o paganismo, em vez de o fazer fugir, estimula-o a criar uma ponte para dialogar com essa cultura.

Paulo escolhe familiarizar-se com a cidade e começa portanto a frequentar os lugares e as pessoas mais significativas. Vai à sinagoga, símbolo da vida de fé; vai à praça, símbolo da vida da cidade; e vai ao Areópago, símbolo da vida política e cultural. Ele encontra judeus, filósofos epicuristas e estoicos, e muitos outros. Encontra-se com todas as pessoas, não se fecha, vai falar com todas as pessoas. Assim Paulo observa a cultura e o ambiente de Atenas «a partir de um olhar contemplativo» que descobre aquele «Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas e nas suas praças». ([*Evangelii gaudium*](#), 71). Paulo não olha para a cidade de Atenas nem para o mundo pagão com hostilidade, mas com os olhos da fé. E isto faz-nos questionar sobre a nossa forma de olhar para as nossas cidades: observamo-las com indiferença? Com desprezo? Ou com a fé que reconhece os filhos de Deus no meio das multidões anónimas?

Paulo escolhe o olhar que o leva a abrir uma brecha entre o Evangelho e o mundo pagão. No coração de uma das mais famosas instituições do mundo antigo, o Areópago, ele realiza um extraordinário exemplo de inculturação da mensagem da fé: proclama Jesus Cristo aos adoradores dos ídolos, e não o faz agredindo-os, mas tornando-se «pontífice, construtor de pontes» ([*Homilia em Santa Marta*](#), 8 de maio de 2013).

Paulo inspira-se no altar da cidade dedicado a «um deus desconhecido» (At 17, 23) — havia um altar com uma inscrição “ao deus desconhecido”; nenhuma imagem, nada, apenas aquela inscrição. A partir dessa “devoção” ao deus desconhecido, para entrar em empatia com os seus ouvintes, ele proclama que Deus «vive entre os cidadãos» ([*Evangelii gaudium*](#), 71) e «não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tacteando» (*ibid.*). É precisamente esta presença que Paulo procura revelar: «Aquele que venerais sem o conhecer é esse que eu vos anuncio» (At 17, 23).

Para revelar a identidade do deus que os atenienses adoram, o Apóstolo parte da criação, isto é, da fé bíblica no Deus da revelação, para chegar à redenção e ao juízo, isto é, à própria mensagem cristã. Ele mostra a desproporção entre a grandeza do Criador e os templos construídos pelo homem, e explica que o Criador se faz procurar sempre para que todos o possam encontrar. Assim Paulo, segundo uma bela expressão do Papa Bento XVI, anuncia «Aquele que os homens ignoram, e todavia conhecem-No: o Ignorado-Conhecido» (Bento XVI, [*Encontro com o mundo da cultura no Collège des Bernardins*](#), 12 de setembro de 2008). Em seguida, convida todos a ir além dos “tempos da ignorância” e a decidir-se pela conversão em vista do juízo iminente. Assim, Paulo chega ao querigma e alude a Cristo, sem o citar, definindo-o como o Homem, que Deus «designou, oferecendo a todos um motivo de crédito, com o facto de o ter ressuscitado de entre os mortos» (At 17, 31).

E aqui está o problema. A palavra de Paulo, que até agora tinha mantido os seus interlocutores em expectativa — porque era uma descoberta interessante — encontra um obstáculo: a morte e a ressurreição de Cristo parecem «loucura» (1 Cor 1, 23) e suscita zombaria e escárnio. Então Paulo afasta-se: a sua tentativa parece ter fracassado, mas ao contrário, alguns aderem à sua palavra e abrem-se à fé. Entre eles está um homem, Dionísio, um membro do Areópago, e uma mulher, Damaris. Também em Atenas o Evangelho se enraíza e pode correr em duas vozes: a do homem e a da mulher!

Peçamos também nós hoje ao Espírito Santo que nos ensine a construir pontes com a cultura, com quantos não creem ou com aqueles que têm um

credo diferente do nosso. Sempre a construir pontes, sempre a estender a mão, sem agredir. Peçamos-lhe a capacidade de inculturar delicadamente a mensagem de fé, com um olhar contemplativo sobre quantos não conhecem Cristo, movidos por um amor que aquece também os corações mais endurecidos.

16. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 13 de novembro de 2019

Bom dia, prezados irmãos e irmãs!

Esta audiência realiza-se em dois grupos: os doentes estão na sala Paulo VI — já estive com eles, saudei-os e abençoei-os; são aproximadamente 250. Para eles será mais confortável lá, por causa da chuva — e nós aqui. Mas eles veem-nos na tela gigante. Saudemos os dois grupos com um aplauso.

Os Atos dos Apóstolos narram que Paulo, como evangelizador incansável, depois da sua permanência em Atenas, leva em frente a corrida do Evangelho no mundo. A nova etapa da sua viagem missionária é Corinto, capital da província romana da Acaia, uma cidade comercial e cosmopolita, graças à presença de dois portos importantes.

Como lemos no capítulo 18 dos Atos, Paulo encontra hospitalidade na casa de um casal, Áquila e Priscila (ou Prisca), obrigados a transferir-se de Roma para Corinto depois que o imperador Cláudio tinha decretado a expulsão dos judeus (cf. *At* 18, 2). Gostaria de abrir um parêntese. O povo judeu sofreu muito na história. Foi expulso, perseguido... E, no século passado, vimos muitas brutalidades que cometeram contra o povo judeu e estávamos todos convencidos de que isto tinha acabado. Mas hoje, o hábito de perseguir os judeus começa a renascer aqui e ali. Irmãos e irmãs, isto não é humano nem cristão. Os judeus são nossos irmãos! E não devem ser perseguidos. Entendestes? Aqueles esposos mostram que têm um coração cheio de fé em Deus e generoso para com os outros, capaz de dar lugar a quem, como eles, experimenta a condição de forasteiro. Esta sensibilidade leva-os a descentralizar-se de si mesmos para praticar a arte cristã da hospitalidade (cf. *Rm* 12, 13; *Hb* 13, 2) e abrir as portas da própria casa para acolher o Apóstolo Paulo. Assim, eles acolhem não só o evangelizador, mas também o anúncio que ele traz consigo: o Evangelho de Cristo, que é «o poder de Deus para a salvação de todos os que acreditam» (*Rm* 1, 16). E a

partir daquele momento a sua casa impregna-se com o perfume da Palavra «viva» (*Hb* 4, 12) que anima os corações.

Áquila e Priscila partilham com Paulo também a atividade profissional de fabricar tendas. Com efeito, Paulo tinha grande estima pelo trabalho manual e considerava-o um espaço privilegiado de testemunho cristão (cf. *1 Cor* 4, 12), assim como um modo correto de se manter, sem ser um fardo para os outros (cf. *1 Ts* 2, 9; *2 Ts* 3, 8) nem para a comunidade.

A casa de Áquila e Priscila em Corinto abre as suas portas não apenas ao Apóstolo, mas também aos irmãos e irmãs em Cristo. Com efeito, Paulo pode falar da «assembleia que se reúne em sua casa» (*1 Cor* 16, 19), que se torna “casa da Igreja”, “*domus Ecclesiae*”, um lugar de escuta da Palavra de Deus e de celebração da Eucaristia. Ainda hoje, nalguns países onde não há liberdade religiosa nem liberdade para os cristãos, eles reúnem-se numa casa, um pouco escondidos, para rezar e celebrar a Eucaristia. Ainda hoje existem estas casas, estas famílias, que se tornam um templo para a Eucaristia.

Depois de um ano e meio de permanência em Corinto, Paulo parte daquela cidade com Áquila e Priscila, e estabelecem-se em Éfeso. Também ali a casa deles passou a ser um lugar de catequese (cf. *At* 18, 26). Sucessivamente, os dois esposos voltarão para Roma e serão destinatários de um maravilhoso elogio, que o Apóstolo insere na sua carta aos Romanos. Paulo tinha um coração grato e assim escreveu sobre aqueles dois cônjuges na carta aos Romanos. Escutai: «Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, pessoas que, pela minha vida, expuseram a sua cabeça. Não sou apenas eu que lhes estou agradecido, mas todas as Igrejas dos gentios» (16, 3-4). Quantas famílias, em tempos de perseguição, arriscam a cabeça para manter escondidos aqueles que são perseguidos! Este foi o primeiro exemplo: a hospitalidade familiar, até em tempos difíceis.

Entre os numerosos colaboradores de Paulo, Áquila e Priscila sobressaem como «modelos de uma vida conjugal responsabilmente comprometida ao serviço de toda a comunidade cristã» e recordam-nos que o cristianismo chegou até nós, graças à fé e ao compromisso na evangelização de muitos leigos como eles. Com efeito, «para se radicar na

terra do povo, para se desenvolver vivamente, era necessário o compromisso destas famílias. Mas pensai que no início o Cristianismo era pregado pelos leigos. Também vós leigos sois responsáveis, mediante o vosso Batismo, de levar em frente a fé. Este era o compromisso de muitas famílias, destes esposos, destas comunidades cristãs, de fiéis leigos que ofereceram o “húmus” ao crescimento da fé» (cf. Bento XVI, [Catequese](#), 7 de fevereiro de 2007). É bonita esta frase do Papa Bento XVI: *os leigos oferecem o “húmus” para o crescimento da fé!*

Peçamos ao Pai, que quis fazer dos esposos a sua «verdadeira “escultura” viva» (Exortação Apostólica [Amoris laetitia](#), 11) — acho que aqui há recém-casados: prestai atenção à vossa vocação, deveis ser a verdadeira escultura viva — a fim de que derrame o seu Espírito sobre todos os casais cristãos para que, a exemplo de Áquila e Priscila, saibam abrir as portas do seu coração a Cristo e aos seus irmãos, transformando os próprios lares em igrejas domésticas. Bonita expressão: a casa é uma igreja doméstica, onde viver a comunhão e oferecer o culto da vida vivida com fé, esperança e caridade. Devemos rezar a estes dois Santos, Áquila e Priscila, para que ensinem as nossas famílias a ser como eles: uma igreja doméstica onde há “húmus”, a fim de que a fé cresça.

17. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 4 de dezembro de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

A viagem do Evangelho pelo mundo continua ininterrupta no Livro dos Atos dos Apóstolos, e atravessa a cidade de Éfeso, mostrando todo o seu poder salvífico. Graças a Paulo, cerca de doze homens recebem o batismo em nome de Jesus e experimentam a efusão do Espírito Santo que os regenera (cf. *At* 19, 1-7). Depois há várias maravilhas que acontecem através do Apóstolo: os doentes curados e os possuídos são libertados (cf. *At* 19, 11-12). Isto acontece porque o discípulo se assemelha com o seu Mestre (cf. *Lc* 6, 40) e o torna presente, comunicando aos seus irmãos a mesma vida nova que recebeu dele.

O poder de Deus que irrompe em Éfeso desmascara aqueles que desejam usar o nome de Jesus para realizar exorcismos, mas sem terem autoridade espiritual para o fazer (cf. *At* 19, 13-17), e revela a fraqueza da magia, que é abandonada por um grande número de pessoas que escolhem Cristo e renunciam às artes mágicas (cf. *At* 19, 18-19). Uma verdadeira inversão para uma cidade, como Éfeso, que foi um centro famoso para a prática da magia! Lucas enfatiza assim a incompatibilidade entre a fé em Cristo e a magia. Se escolheres Cristo, não podes recorrer ao mago: a fé significa abandonar-se nas mãos de um Deus confiável, que se faz conhecer não através de práticas ocultas, mas da revelação e com amor gratuito. Talvez alguns de vós me digam: “Ah, sim, isto de magia é uma coisa antiga: hoje, com a civilização cristã isto não acontece”. Mas tomai cuidado! Eu pergunto-vos: quantos de vós vão ler a sina, quantos de vós vão aos adivinhos para que lhes leiam as mãos ou as cartas? Ainda hoje, nas grandes cidades, os cristãos praticantes fazem essas coisas. E à pergunta: “Mas como é que, se crês em Jesus Cristo, vais ao mago, ao adivinho, a todas estas pessoas?”, respondem: “Creio em Jesus Cristo, mas por superstição vou também a elas”. Por favor: a magia não é cristã! Essas coisas que são feitas para adivinhar o futuro ou adivinhar muitas coisas ou

mudar situações da vida, não são cristãos. A graça de Cristo traz-te tudo: reza e confia no Senhor.

A difusão do Evangelho em Éfeso prejudica o comércio dos ourives — outro problema — que fabricavam as estátuas da deusa Ártemis, fazendo da prática religiosa um verdadeiro negócio. Peço-vos que penseis nisto. Vendo diminuir aquela atividade que rendeu muito dinheiro, os ourives organizaram uma revolta contra Paulo, e os cristãos foram acusados de terem colocado em crise a categoria de artesãos, o santuário de Ártemis e a adoração desta deusa (cf. At 19, 23-28).

Depois, Paulo parte de Éfeso para Jerusalém e chega a Mileto (cf. At 20, 1-16). Aqui ele manda chamar os anciãos da Igreja de Éfeso — os presbíteros: ou seja, os sacerdotes — para fazer uma entrega de exortações “pastorais” (cf. At 20, 17-35). Estamos na fase final do ministério apostólico de Paulo e Lucas apresenta-nos o seu discurso de despedida, uma espécie de testamento espiritual que o Apóstolo dirige àqueles que, depois da sua partida, deverão guiar a comunidade de Éfeso. E esta é uma das páginas mais belas do Livro dos Atos dos Apóstolos: aconselho-vos a pegar hoje no Novo Testamento, na Bíblia, capítulo 20 e ler esta despedida de Paulo dos sacerdotes de Éfeso, que ele fez em Mileto. É um modo para compreender como o Apóstolo se despede e também como os sacerdotes de hoje se deveriam despedir, assim como se deveriam despedir todos os cristãos de hoje. É uma página linda.

Na parte exortativa, Paulo encoraja os responsáveis da comunidade, que ele sabe que vê pela última vez. E que lhes diz? “Vigiai sobre vós mesmos e sobre todo o rebanho”. Esta é a obra do pastor: ser vigilante, vigiar sobre si mesmo e sobre o rebanho. O pastor deve vigiar, o pároco deve vigiar, ser vigilante, os presbíteros devem vigiar, os bispos, o Papa devem vigiar. Vigiar para guardar o rebanho, e também vigiar sobre si mesmo, examinar a própria consciência e ver como se cumpre este dever de *vigiar*. «Tomai cuidado convosco e com todo o rebanho, de que o Espírito Santo vos constituiu administradores para apascentardes a Igreja de Deus, adquirida por Ele com o seu próprio sangue» (At 20, 28): assim diz São Paulo. Pedese aos *episcopi* que se aproximem o mais possível do rebanho, resgatado pelo sangue precioso de Cristo, e que estejam dispostos a defendê-lo dos

«lobos» (v. 29). Os Bispos devem estar muito próximos do povo para o guardar, para o defender; não devem estar afastados do povo. Depois de ter confiado esta tarefa aos responsáveis de Éfeso, Paulo entrega-os nas mãos de Deus e recomenda-os à «palavra da sua graça» (v. 32), fermento de qualquer crescimento e caminho de santidade na Igreja, convidando-os a trabalhar com as próprias mãos, como ele, para não serem um peso para os outros, a fim de ajudar os fracos e experimentar que «a felicidade está mais em dar do que em receber» (v. 35).

Queridos irmãos e irmãs, peçamos ao Senhor que renove em nós o seu amor pela Igreja e pelo depósito da fé que ela conserva, e que nos torne a todos corresponsáveis na preservação do rebanho, apoiando com a oração os pastores para que manifestem a firmeza e a ternura do Divino Pastor.

18. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 11 de dezembro de 2019

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Na leitura dos Atos dos Apóstolos, continua o caminho do Evangelho no mundo e o testemunho de São Paulo é cada vez mais marcado pelo selo do sofrimento. Mas isto é algo que cresce com o tempo na vida de Paulo. Paulo não é apenas o fervoroso evangelizador, o intrépido missionário entre os pagãos, que dá vida a novas comunidades cristãs, mas também a testemunha sofredora do Ressuscitado (cf. At 9, 15-16).

A chegada do Apóstolo a Jerusalém, descrita no capítulo 21 dos Atos, provocou um ódio feroz contra ele, reprovando-o: «Mas este era um perseguidor! Não confieis!». Como foi para Jesus, também para ele Jerusalém é a cidade hostil. Ele foi ao templo, foi reconhecido, foi levado para ser linchado e foi salvo *in extremis* pelos soldados romanos. Acusado de ensinar contra a Lei e contra o templo, ele é preso e começa a sua peregrinação como prisioneiro, primeiro diante do sinédrio, depois diante do procurador romano em Cesareia e, por fim, diante do rei Agripa. Lucas destaca a semelhança entre Paulo e Jesus, ambos odiados pelos seus adversários, publicamente acusados e reconhecidos como inocentes pelas autoridades imperiais; e assim Paulo é associado à paixão do seu Mestre, e a sua paixão torna-se um evangelho vivo. Venho da Basílica de São Pedro e lá tive a minha primeira audiência, esta manhã, com os peregrinos ucranianos, de uma diocese ucraniana. Quão perseguidas foram estas pessoas, quanto sofreram pelo Evangelho! Mas eles não negociaram a fé. São um exemplo. Hoje, no mundo, na Europa, muitos cristãos são perseguidos e dão a vida pela sua fé, ou são perseguidos com luvas brancas, isto é, deixados de lado, marginalizados... O martírio é o ar da vida de um cristão, de uma comunidade cristã. Haverá sempre mártires entre nós: este é o sinal de que estamos a seguir o caminho de Jesus. É uma bênção do Senhor, para que haja entre o povo de Deus, alguém que dá este testemunho de martírio.

Paulo é chamado a defender-se das acusações e, no final, na presença do rei Agripa II, a sua apologia transforma-se num testemunho eficaz de fé (cf. At 26, 1-23).

Depois Paulo fala da sua conversão: Cristo ressuscitado tornou-o cristão e confiou-lhe a missão entre as nações, «para lhes abrires os olhos e fazê-los passar das trevas à luz, e da sujeição de Satanás para Deus. Alcançarão, assim, o perdão dos seus pecados e a parte que lhes cabe na herança, juntamente com os santificados pela fé» em Cristo (v. 18). Paulo obedeceu a este encargo e mais não fez do que mostrar como os profetas e Moisés predisseram o que ele agora anuncia: «que o Messias tinha de sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar de entre os mortos, anunciaria a luz ao povo e aos pagãos» (v. 23). O testemunho apaixonado de Paulo comove o coração do rei Agripa, a quem falta apenas o passo decisivo. Então o rei diz: «Por pouco não me persuades a fazer-me cristão!» (v. 28). Paulo é declarado inocente, mas não pode ser libertado porque ele apelou para César. Assim continua a viagem imparável da Palavra de Deus para Roma. Paulo, acorrentado, acaba por chegar aqui a Roma.

A partir deste momento, o retrato de Paulo é o do *preso* cujas correntes são o sinal da sua fidelidade ao Evangelho e do testemunho dado ao Ressuscitado.

As cadeias são certamente uma prova humilhante para o Apóstolo, que o mundo vê como um «malfeitor» (2 Tm 2, 9). Mas o seu amor por Cristo é tão forte que também estas cadeias são lidas com os olhos da fé; fé que para Paulo não é «uma teoria, uma opinião sobre Deus e o mundo», mas «o impacto do amor de Deus no seu coração [...] é o amor a Jesus Cristo» (Bento XVI, [*Homilia por ocasião do Ano Paulino*](#), 28 de junho de 2008).

Queridos irmãos e irmãs, Paulo ensina-nos a perseverança na provação e a capacidade de ler tudo com os olhos da fé. Hoje pedimos ao Senhor, por intercessão do Apóstolo, que reavive a nossa fé e nos ajude a ser fiéis até ao fim à nossa vocação de cristãos, discípulos do Senhor, missionários.

19. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 8 de janeiro de 2020

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

O livro dos Atos dos Apóstolos, na parte final, diz-nos que o *Evangelho continua a sua viagem não só por terra mas por mar*, num barco que conduz Paulo, prisioneiro, de Cesareia para Roma (cf. At 27, 1-28, 16), ao coração do Império, para que se realize a palavra do Ressuscitado: «sereis minhas testemunhas... até aos confins do mundo» (At 1, 8). Lede o Livro dos Atos dos Apóstolos e vereis como o Evangelho, com a força do Espírito Santo, chega a todos os povos, se torna universal. Pegai nele. Lede-o.

A navegação encontra condições desfavoráveis logo desde o início. A viagem torna-se perigosa. Paulo aconselha a não prosseguir a nevegação, mas o centurião não lhe dá ouvidos e confia no piloto e no armador. A viagem continua e desencadeia-se um vento tão forte que a tripulação perde o controle e deixa o barco ir à deriva.

Quando a morte parece próxima e o desespero invade todos, Paulo intervém e tranquiliza os companheiros dizendo o que ouvimos: «Esta noite, apareceu-me um Anjo de Deus, a quem pertenço e a quem sirvo, e disse-me: “Nada receies, Paulo. É necessário que compareças diante de César e, por isso, Deus concedeu-te a vida de todos quantos navegam contigo”» (At 27, 23-24). Até na provação, Paulo nunca deixa de ser o *guardião da vida dos outros e o animador da sua esperança*.

Lucas mostra-nos assim que o plano que conduz Paulo a Roma salva não só o Apóstolo, mas também os seus companheiros de viagem, e o naufrágio, de uma situação de infortúnio, transforma-se numa oportunidade providencial para o anúncio do Evangelho.

Ao naufrágio segue-se a chegada à ilha de Malta, cujos habitantes mostram um acolhimento atencioso. Os malteses são bons, são mansuetos, são acolhedores já desde aquela época. Chove e faz frio e eles acendem uma fogueira para garantir algum calor e alívio aos náufragos. Aqui

também Paulo, como verdadeiro discípulo de Cristo, se coloca ao serviço para alimentar a fogueira com alguns ramos. Durante estas operações ele é mordido por uma víbora mas não sofre dano algum: as pessoas, vendo isso, dizem: «Com certeza, esse homem é assassino, pois conseguiu salvar-se do mar, mas a justiça divina não o deixa viver». Eles esperaram pelo momento em que ele caísse morto, mas ele não sofreu nenhum dano e até foi confundido — em vez de um malfeitor — com uma divindade. Na verdade, esse benefício vem do Senhor ressuscitado que o assiste, segundo a promessa feita antes de subir ao céu e dirigida aos crentes: «apanharão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, não sofrerão nenhum mal; hão de impor as mãos aos doentes e eles ficarão curados» (Mc 16, 18). A história diz-nos que a partir daquele momento deixou de haver víboras em Malta: esta é a bênção de Deus pelo acolhimento deste povo muito bondoso.

De facto, para Paulo, a estadia em Malta torna-se uma ocasião propícia para dar “carne” à palavra que ele anuncia e assim exercer um ministério de compaixão na cura dos doentes. E esta é uma lei do Evangelho: quando um crente experimenta a salvação, não a conserva para si mesmo, mas põe-na em circulação. «O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros» ([*Exort. ap. Evangelii gaudium*](#), 9). Um cristão “provado” pode certamente tornar-se mais próximo daqueles que sofrem porque sabe o que significa o sofrimento, e manter o seu coração aberto e sensível à solidariedade para com os outros.

Paulo ensina-nos a viver as provas aproximando-nos de Cristo, para amadurecer a «convicção de que Deus pode atuar em qualquer circunstância, mesmo no meio de aparentes fracassos» e a «certeza, que a pessoa que se oferece e entrega a Deus por amor, seguramente será fecunda» (*ibid.*, 279). O amor é sempre fecundo, o amor a Deus é sempre fecundo, e se vos deixardes prender pelo Senhor e se receberdes os dons do Senhor, isto permitir-vos-á oferecê-los aos outros. O amor de Deus vai sempre além.

Peçamos hoje ao Senhor que nos ajude a viver todas as provações amparados pela energia da fé; e a ser sensíveis aos muitos naufragos da história que chegam aos nossos litorais exaustos, para que também nós saibamos acolhê-los com aquele amor fraterno que vem do encontro com Jesus. É isto que salva do gelo da indiferença e da desumanidade.

20. Catequese sobre os Atos dos Apóstolos

Quarta-feira, 15 de janeiro de 2020

Amados irmãos e irmãs!

Hoje concluímos a nossa catequese sobre os Atos dos Apóstolos com a última etapa missionária de São Paulo: Roma (cf. At 28, 14).

A viagem de Paulo, que foi uma com a do Evangelho, é a prova de que os caminhos dos homens, se vividos na fé, podem tornar-se um espaço de trânsito para a salvação de Deus, através da Palavra de fé que é um fermento ativo na história, capaz de transformar situações e abrir caminhos sempre novos.

Com a chegada de Paulo ao coração do Império acaba a narração dos Atos dos Apóstolos, que não termina com o martírio de Paulo, mas com a semeadura abundante da Palavra. O fim da narração de Lucas, centrada na viagem do Evangelho no mundo, contém e recapitula todo o dinamismo da Palavra de Deus, uma Palavra imparável que quer correr para comunicar a salvação a todos.

Em Roma, Paulo encontra antes de tudo os seus irmãos em Cristo, que o acolhem e lhe infundem coragem (cf. At 28, 15) e cuja calorosa hospitalidade faz pensar em quanto a sua chegada era esperada e desejada. Depois foi-lhe permitido viver sozinho sob *custodia militaris*, ou seja, com um soldado a guardá-lo, ele estava em prisão domiciliária. Apesar da sua condição de prisioneiro, Paulo pode encontrar-se com os chefes dos judeus para explicar porque foi forçado a apelar para César e para falar com eles sobre o reino de Deus. Ele procura convencê-los sobre Jesus, a partir das Escrituras e mostrando a continuidade entre a novidade de Cristo e a «esperança de Israel» (At 28, 20). Paulo reconhece-se profundamente judeu e vê no Evangelho que prega, ou seja, no anúncio de Cristo morto e ressuscitado, o cumprimento das promessas feitas ao povo eleito.

Depois deste primeiro encontro informal no qual os judeus estavam bem dispostos, seguiu-se outro mais oficial durante o qual, por todo o dia, Paulo

anunciou o Reino de Deus e procurou abrir os seus interlocutores à fé em Jesus, partindo «da lei de Moisés e dos Profetas» (At 28, 23). Visto que nem todos estavam convencidos, ele denuncia o endurecimento do coração do povo de Deus, causa da sua condenação (cf. Is 6, 9-10), e celebra com paixão a salvação das nações que se mostram sensíveis a Deus e capazes de escutar a Palavra evangélica da vida (cf. At 28, 28).

Neste ponto da narração, Lucas conclui a sua obra mostrando-nos não a morte de Paulo, mas o dinamismo do seu sermão, de uma Palavra que «não está acorrentada» (2 Tm 2, 9) — Paulo não tem liberdade de movimento, mas é livre para falar porque a Palavra não está acorrentada — é uma Palavra pronta para ser semeada a mãos-cheias pelo Apóstolo. Paulo faz isto «com o maior desassombro e sem impedimento» (At 28, 31), numa casa onde acolhe aqueles que querem receber o anúncio do Reino de Deus e conhecer Cristo. Esta casa aberta a todos os corações em busca é a imagem da Igreja que, embora perseguida, incompreendida e acorrentada, não se cansa de acolher cada homem e cada mulher com um coração materno para lhes anunciar o amor do Pai que se fez visível em Jesus.

Queridos irmãos e irmãs, no final deste caminho, vivido juntos seguindo a corrida evangélica no mundo, que o Espírito reavive em cada um de nós a chamada a ser evangelizadores corajosos e jubilosos. Também nós, como Paulo, sejamos capazes de impregnar as nossas casas com o Evangelho e fazer com que elas se tornem cenáculos de fraternidade, onde possamos acolher Cristo vivo, que «vem ao nosso encontro em cada homem e em cada época» (cf. II *Prefácio do Advento*).

©Copyright - *Libreria Editrice Vaticana*